

A REIVENÇÃO DA HISTÓRIA, DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE EM *O VENDEDOR DE PASSADO*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Sônia Regina dos Santos¹

RESUMO

O escritor angolano José Eduardo Agualusa, produziu em 2004, uma obra intitulada *O Vendedor de Passados*, na qual focaliza processos históricos que envolveram a nação angolana no contexto posterior à independência de seu país, formulando, ao mesmo tempo, uma rigorosa crítica à sociedade angolana que emerge no panorama imediatamente posterior a 1975. Agualusa evidencia questões históricas que envolveram o passado recente daquele país, que trazem imagens das tensões coloniais a partir do ano de 1961, e pós-coloniais que envolveram intermináveis lutas e abusos de poder por parte dos grupos políticos que sempre quiseram controlar o poder oficial e econômico no país. Em sua obra o escritor privilegia, sobretudo, a representação da violência simbólica que acompanha as práticas truculentas do período pós-revolucionário, permitindo, assim, um redimensionamento dos efeitos pós-coloniais em Angola.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Culturas africanas, Literatura, Guerra colonial, Estratégias de Resistência.

Neste momento, no qual educadores e especialistas debruçam-se sobre a História e a literatura africanas, preocupados com a implementação da lei 10.639/03, conhecer e refletir sobre a obra do escritor angolano José Eduardo Agualusa é uma forma de re-pensar os currículos e as práticas nas escolas naquilo que nos irmana com a nação angolana e a história de seu povo, não somente do ponto-de-vista da língua portuguesa, mas também no que diz respeito a um passado comum.

No romance *O Vendedor de Passados* (2004), o escritor focaliza questões associadas à memória política em Angola e critica simultaneamente as principais características da sociedade emergente no contexto pós-independência. Obtida em 1975, na sequência da Revolução dos Cravos, ocorrida em Portugal em abril de 1974, a independência de Angola, longe de ter trazido aos ideais revolucionários uma conquista, trouxe, sobretudo tensões sociais e políticas internas que foram radicalmente acentuadas pelo contexto da Guerra Fria.

Os processos identitários que se desdobram deste marco histórico envolvem a tensão entre as tradições ancestrais, a colonização portuguesa e uma ordem pós-colonial violenta.

Às vésperas da Revolução dos Cravos, com o fim próximo do Império Colonial e a *corrida* dos africanos em busca do poder, um clima tenso de violência extremada se instaurou nos territórios africanos tornando insustentável a permanência de milhões de portugueses nas antigas colônias portuguesas.

O abandono do território africano pelas tropas portuguesas, sem qualquer transição política e nem “cooperação técnica e econômica” aos países africanos, contribuíram para a agravante situação de miséria e de conflitos civis desencadeados nesses países, que encontravam apoio político e financiamento econômico na comunidade internacional para a manutenção do conflito civil.

¹ Pós-graduada em Lingüística e Literatura de Língua Portuguesa – UCP.

Em resumo, a extensão da Guerra Fria aos territórios angolanos prende-se ao fato de o **MPLA** ser financiado pelos países comunistas e a **UNITA** pela **OTAN** (com forte atuação norte-americana) e África do Sul.

O ambiente pós-colonial em Angola implicou uma revisão significativa dos valores da tradição em perspectiva com uma memória violenta, do passado recente. À literatura angolana contemporânea cabe, portanto, significar os registros do passado, interrogando na sociedade os valores que devem ser priorizados. Com a sua ficção, José Eduardo Agualusa leva a efeito este processo.

No romance intitulado *O Vendedor de Passados*, o autor dá voz a uma osga – uma espécie de lagartixa que vive dentro da casa de Felix Ventura, o vendedor de passados. O próprio título evidencia o fio condutor do romance – a idéia de compra e venda da memória. A epígrafe de Jorge Luís Borges apresentada antes do primeiro capítulo complementa a idéia do título e sugere algo em relação ao tema que será trabalhado por Agualusa. “*Se tivesse de nascer outra vez escolheria algo totalmente diferente. Gostaria de ser norueguês. Talvez persa. Uruguaio não, porque seria como mudar de bairro*”.

No romance de Agualusa, a osga narra como Felix Ventura se tornou um comerciante e dono de uma fábrica de memórias. O personagem faz vendas de seus produtos sempre que é procurado por indivíduos da sociedade emergente angolana desejando esquecer o passado ou reordenar o presente para legitimar um futuro que poderá não acontecer, em caso de algo desviar do planejado.

O movimento que faz a osga de Agualusa é o de conduzir a narrativa do início ao fim do romance, narrando Felix na fabricação de falsos passados para empresários, políticos, generais que o procuram e desejam um novo passado para legitimá-lo no lugar daquele que querem, por algum motivo, esquecer. Entre um capítulo e outro, através de sonhos, o réptil avalia e reavalia também o drama do seu presente pós-humano e as memórias de sua vida humana, pondo o leitor a par do que terá sido e do que a história angolana é no seu ponto de vista.

Nesse sentido, cabe mencionar Halbwachs (2008): “*a lembrança é, em larga medida, uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparado por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de imagem de outrora manifestou-se já bem alterada*”.

Todos os personagens criados por Agualusa exercem papéis fundamentais dentro do romance e o mais importante deles é Felix Ventura, um negro albino que vende passados para alguns representantes da burguesia emergente angolana que, por absoluta ausência de uma tradição familiar burguesa, são levadas a mascarar o vazio pouco enobecedor de seus passados, substituindo-o por passados falsos construídos pelas mãos de Felix.

Para além de evocar uma categoria teórica associada às memórias traumáticas envolvidas nas mudanças políticas do século XXI, o romance de Agualusa abre, com o personagem José Buchmann (o homem que vai à casa do comerciante de memórias encomendar um novo passado) um diálogo possível com as proposições teóricas de Agier (2007). Neste texto, o autor no capítulo, “*contextos e construções da identidade*” cita Fredrik Barth e Lévi-Strauss, nos anos 60/70 e os seminários sobre “*identidade e etnicidade*”:

De acordo com a abordagem contextual, não existe definição de identidade em si mesma. Os processos identitários não existem fora do contexto, são sempre relativos a algo específico que está em jogo” (ver Barth, 1969; Conhen, 1974).

Nesse sentido, o que pode estar em jogo quando José Buchmann procura por Felix, é um processo de negociação identitária. Felix é um comerciante, fabrica falsos passados e os vende discretamente para figuras da emergente sociedade angolana que o procuram. Buchmann deseja esquecer os vários nomes que já usou e quer legitimar uma identidade nova, de acordo com os seus interesses, uma vez que está em Angola.

José Eduardo Agualusa trabalha no romance com as questões da identidade, privilegiando-as na composição dos diálogos entre Felix Ventura e Buchmann, no seu primeiro encontro na casa do vendedor de passados.

Sobre a identidade de Felix, o vendedor de passados, pelo que a osga narra, sabemos apenas que teria sido um bebê abandonado, adotado por um alfarrabista ligado ao círculo dos funcionários coloniais que traficava escravos para o Brasil. Fausto Bendito Ventura, que o encontrou num caixote à porta de casa, deitado sobre alguns exemplares d'*A Relíquia de Eça de Queirós*.

No realismo de Eça já havia lugar para um personagem-narrador como Teodorico, que ao narrar também se inventa, dando a ver inclusive para a tia que o adotou, uma vida beata, sem de longe parecer com a sua “vida real” cotidiana se assemelha à que a sua tia considera real. Felix vende falsos passados para os outros e, mas também inventa um para si.

CORRUPÇÃO E FIM DO COLONIALISMO NAS SOCIEDADES ANGOLANAS

Para Felix Ventura impõe-se a dúvida de fabricar ou não um passado para o estrangeiro que o procurou em sua casa. A soma em dinheiro que o estrangeiro deixou na mesa do alfarrabista é bastante alta para que não seja levada em conta. Félix hesita, não sabe se opta por ser honesto ou se assume a posição de falsário.

Nesse contexto, penso que Agualusa aponta para o que se esconde atrás de algumas máscaras da sociedade emergente de Angola; ou melhor, ele expande esta noção a outras sociedades, em outras nações espalhadas pelo mundo.

Na representação do personagem Felix Ventura, há a idéia de um homem sendo seduzido pelo ganho fácil de uma grande quantia em dinheiro que irá lhe proporcionar uma “vida boa”. Alguns dos seus desejos certamente serão realizados, se estiver de posse daquela quantia – dez mil dólares. A crise de consciência o perturba, afinal não poderia rejeitar facilmente o que lhe é oferecido. A osga entra em cena no momento em que Felix foi seduzido pelo “ganho fácil”, para falar de como consegue fazer com que os pequenos insetos que pousam no teto se transformam em seu alimento, talvez para nos dar a idéia da ação dos corruptos que agem nas sombras, no escuro, como um caçador que encurrala suas presas de tal maneira que, sem saída, acabam sendo devoradas. Assim é Felix Ventura que, por ostentar outros valores, está sendo seduzido pelo estrangeiro com o poder financeiro maior que o seu.

Há no romance uma possibilidade do escritor estar nos apontando para o fato de que, com as mudanças ocorridas em Angola, com o fim do período colonial, houve uma ruptura daquilo que era considerado estável entre angolanos e portugueses. O inimigo entre eles era aparentemente apenas um, assim como o aliado. Então, o que era um discurso colonial, bipolarizado, deu lugar à diversidade do discurso pós-colonial. A luta, antes por liberdade, passou a ser por poder entre os iguais. A Libertação de Angola passou a ser usada como pretexto, como uma máscara que justificaria a luta de angolanos contra angolanos. Completamente desnorteados, os angolanos reiniciaram a guerra e não

puderam mais parar, pois entrou em cena a corrupção cultivada pelo governo daquele país, a cultura da intolerância, o ódio, a discriminação, a repressão das opiniões divergentes em troca de dinheiro.

A independência de Angola, em 11 novembro de 1975, não assegurou a paz e a liberdade tão esperadas pela nação. Secco (2003), ao refletir sobre esse momento histórico, afirma que:

Uma Angola, cuja Revolução que a tornou independente ignorou suas fissuras e diversidades culturais, impondo a ideologia marxista como único parâmetro para o país monoliticamente imaginado. Uma Angola, na verdade, multifacetada, que a independência não conseguiu unificar, acirrando, inclusive, desde os primeiros anos, ódios e dissidências ancestrais. (p.79)

A Angola imaginada, entretanto, parecia adiada novamente, pois a esperança depositada na independência para a reconstrução de uma sociedade essencialmente africana deu espaço a um clima tenso de violência extremada, fazendo ressurgir no solo da “terra vermelha” dos musseques o antigo pânico, o “horror de um sonho”², a certeza de que o sofrimento vivenciado durante os treze anos de guerra colonial ainda estava longe de ter fim.

Com a independência de Angola, conflitos anteriores passaram a ser intensificados, adquirindo vigorosamente a oposição entre os integrantes do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), da Força Nacional pela Libertação Angolana (FNLA) e União Nacional pela Libertação Total de Angola (UNITA). “Retalhada, Angola teve o rosto desfigurado pela guerra travada entre a UNITA e o MPLA”³.

RAÍZES E BUSCA POR IDENTIDADE

Em *O Vendedor de Passados*, José Eduardo Agualusa dentre outras questões também aborda a memória, articulada a uma busca por identidade, em função de muitos povos africanos – incluindo aí o povo angolano – terem sido desapropriados de suas histórias, de suas origens, com identidades omitidas, vozes silenciadas, raízes esquecidas obrigatoriamente desqualificadas e atiradas às margens do “tecido social”. Sem dar muita ênfase à questão do preconceito e à discriminação racial no interior do texto, o escritor também articula etnicidade, cultura e condição social, quando a osga revela que Felix é um anão albino que costuma causar repulsa até mesmos nas mulheres que costuma levar para casa para ter um noite de amor.

Num olhar mais atento, podemos perceber ainda, que o escritor enfatiza a re-construção da memória ancestral das populações negras para, com ela, alimentar o orgulho étnico dos angolanos, dos brasileiros e de outros povos da diáspora africana, além de seu orgulho próprio. Agualusa, dessa forma, também revalida suas raízes angolana, brasileira e portuguesa.

Quando o personagem Felix afirma “*Está cheio de vozes o meu barco*” (AGUALUSA, 2004, p. 24) penso que há ali um discurso não-dito, um desejo implícito de retorno às raízes, em saber sua origem. De modo que, por não conhecer sua própria história, seu passado por completo, Felix se

2 ANTUNES, António Lobo: Boa tarde às coisas aqui em baixo. *Rio de Janeiro: Objetiva*, 2003, p. 19.

3 SECCO, Carmen Lucia Tindó: *Rioseco_Memória de mar, memória de outras memórias.. In: A Magia das Letras Africanas. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais*, 2003, p. 79.

empenhou no ofício de construir um passado para aqueles que têm um passado real, porém estão insatisfeitos e por algum motivo querem ocultá-lo da sociedade, registrando um passado ficcional.

Deste modo, mesmo com suas raízes e identidade fragmentadas, assim como as populações negras que forçosamente cruzaram o Atlântico a bordo dos navios negreiros, sempre tiveram algo a dizer, ainda que submetidas ao sistema do silenciamento pelo colonizador. Penso que é para essa questão que o escritor está apontando no romance. Felix não diz à osga que gostaria de conhecer sua origem, mas conta-lhe a história que conhece a partir do que seu pai adotivo lhe contou. A frustração daquilo que não conhece está nas entrelinhas, assim como também há orgulho daquilo que conhece.

O escritor também trabalha o valor das narrativas orais e pelo o que osga narra podemos perceber que Agualusa chama a atenção para seus significados. Geralmente as narrativas têm origem em histórias pessoais e, a partir delas, se podem dar várias dimensões do conceito das mesmas.

O fato de que o escritor no romance em questão aponta para a necessidade de se buscar compreensão, à medida em que o significado contido nas narrativas individuais pode nos oferecer como referência. Em algumas passagens é possível perceber que antigas fontes que ancoravam a identidade estão em crise. É o que Hall (2002), chama de “*crise de identidade*”.

Na sociedade contemporânea, falar de identidade se tornou algo extremamente complexo devido alguns fatores de ordem social que antes estabilizavam os indivíduos e que agora estão em declínio e isso faz com que esses indivíduos busquem por “*novas identidades*”. Complementando essa questão concordo ainda com o que Hobsbawn (1997), nos ensina “*muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas*” (p.39). Deste modo podemos dizer que as vivências em alguns casos, algumas histórias narradas, são maquiadas em cima de suposições de uma identidade sem certezas e provocam uma recriação de verdade a partir dessas suposições, isto é, do que não era dado ainda como verdade.

Nesse sentido, compreendemos então que o estrangeiro que encomenda um novo passado a Felix, está num processo de auto-construção de um novo sujeito, se entrega a sua ideologia para adquirir uma nova identidade e se registra na sociedade emergente de Angola.

ANGOLA: MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA

Ao buscarmos uma compreensão do que caracteriza a memória, somos remetidos a uma reflexão sobre o conjunto de atividades cerebrais que cada indivíduo carrega em si. Esse permite armazenar, conservar e atualizar informações que viveu e experienciou, e pelo fato de lembrá-las, permite como que de forma automática trazê-las para o tempo presente ao narrá-las.

Segundo Kessel (2008), em seu artigo sobre memória e memória coletiva, “*a memória individual alimenta-se da memória coletiva e história e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo*”. Podemos notar que Agualusa em alguns pontos do romance nos traz esta idéia.

A osga também narra o seu tempo de vida animal com base em suas vivências e relata um pouco o que sentiu, o que experimentou quando numa outra vida vestiu a pele de um homem. Relata outras histórias de lagartixas (seus semelhantes) que conheceu, quando passou a existir como lagartixa. Quando a osga menciona a história de outras de sua espécie, podemos identificar que o escritor está trabalhando a questão da memória coletiva dentro do romance.

Há, no texto, um sentimento de identidade; a osga está calcada numa memória que compartilha, não só em relação ao que é histórico do real, mas, sobretudo ao que é simbólico. Narra também as histórias de outras espécies de osgas; suas vidas quando encarnadas também como humanos, em vários países, em diferentes linguagens ou em uma língua comum, como é o caso de algumas nações africanas e do Brasil. No fragmento mencionado, também se encerra o conceito de memória no âmbito social, a memória coletiva.

O DESEJO DE APAGAMENTO E SILENCIAMENTO DA MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA NOS TEMPOS DE GUERRA

(...) Um nome pode ser uma condenação. Alguns arrastam o nomeado, como as águas lamacentas de um rio após as grandes chuvadas, e, por mais que resista, impõem-lhe um destino. Outros pelo contrário, são como máscaras: escondem, iludem. A maioria, evidentemente, não tem poder algum. Recordo sem prazer, sem dor também, o meu nome humano. Não lhe sinto a falta. Não era eu (AGUALUSA, 2004; p.44).

No fragmento acima, o escritor, pelo que a osga narra, conduz o leitor a pensar, talvez, a história dos sujeitos da sociedade emergente de Angola, reconstruída da memória e dos enganos. Muitos têm uma memória traumática e a querem esquecer.

História, memória e identidade são conceitos diferentes, mas estão correlacionados entre si. Dentro desse contexto, quando temos a oportunidade de relatarmos nossa história a alguém, estamos transmitindo um saber que é só nosso, aquilo, que sabemos sobre os acontecimentos que marcaram nossas vidas. Ao exemplificar, digo que se tenho um saber, ele é só meu e para que ele exista, se transforme em “minha história” devo me reconhecer nela como um indivíduo, um protagonista permanente dessa história em que alguns aspectos sofreram mudanças e em outros não mudaram porque a minha identidade foi fixada.

Esse movimento de mudanças e permanência na história faz com que o sujeito se reconheça, se identifique com a história de minha vida, quando a conta para alguém ou simplesmente pensa nela. Ainda que eu não conte a minha história, por algum motivo, seja ele traumático ou não, ainda que eu mascare, irei conservar a minha identidade, caso contrário deixarei de ser eu.

A literatura de Agualusa no romance em questão nos permite olhar a história de Angola em diferentes ângulos. A preocupação maior do escritor é discutir o lugar da memória e enfatizar muito mais a memória coletiva, o que me leva a concluir que é difícil pensá-la de forma independente da memória individual. Todos os personagens que o autor criou para o romance carregam em si lembranças de tempos passados, sejam do período colonial ou pós-colonial em Angola. Há nesses personagens, em alguns momentos das narrativas, uma espécie de negociação na tentativa de conciliar o que se caracteriza como memória individual e memória coletiva; em outros momentos, tentam esquecer-las, apagá-las por completo com o objetivo de que a sociedade atual não tome conhecimento da verdade ocorrida no período das guerras colonial e civil de Angola.

A SUBSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA DOS FATOS HISTÓRICOS

Vários são os clientes que procuram Felix Ventura para encomendar um passado. Desde aqueles que tiveram participação na guerra em prol da independência de Angola, no período que

compreendeu os anos de 1961 a 1975 – que resultou em torturas – a outros clientes que se envolveram nas guerras civis dos Movimentos Revolucionários ou da política contemporânea, cujo alheamento do passado recente do país precisa ser modificado, de forma que não comprometa os cargos atuais que ocupam ou desejam num futuro próximo:

(...) Quem teve a estúpida idéia de mudar o nome do Liceu? Um homem que expulsou os colonialistas holandeses, um combatente internacionalista de um país irmão, um afro-ascendente, que deu origem a uma das mais importantes famílias deste país, a minha. Vou mandar fazer uma estátua do meu avô para colocar à entrada do edifício (AGUALUSA, 2004, p.121).

No fragmento acima, a osga narra as falas de um ministro que foi à casa de Felix para saber se o comerciante havia construído o passado nobre que encomendara. Felix conseguiu, construiu um passado para o ministro que o registra como seu bisavô paterno Salvador Corrêa de Sá e Benevides, um brasileiro nascido no Rio de Janeiro, primo de Estácio de Sá, e fundador da cidade. Salvador Correia de Sá, viveu em Luanda e tornou-se Governador, naquela época expulsou colonizadores holandeses daquele local e em homenagem a tão grande feito, até o dia da Independência nomeou um Liceu. Com a independência do país, o nome do Liceu foi trocado e passou a homenagear um outro herói, desta vez um angolano.

O ministro, agora de posse de uma nova identidade, na qual se registra como bisneto de Salvador Corrêa de Sá, e com poder nas mãos, fala a Felix de sua pretensão de homenagear novamente o bisavô.

Agualusa, nesse ponto do romance, enfatiza as substituições da memória dos fatos históricos que surgiram em Angola, desde o período colonial ao pós-colonial. Quem exerce poder, rapidamente faz substituições conforme o que lhe convém, interferindo na história do país. O ministro é símbolo desse poder atual e futuro de Angola, representante da sociedade emergente, ele não foge à exceção porque manifesta o desejo de homenagear Salvador Corrêa de Sá (seu falso bisavô), numa rápida troca de um símbolo pelo outro.

O ENCONTRO DA MEMÓRIA REAL COM A MEMÓRIA FICTÍCIA.

A osga dá seguimento à narrativa num capítulo mais à frente, depois das falas do ministro, nas quais ele revela sua verdadeira identidade e aproveita para encomendar desse último também, uma biografia.

A osga revela que o ministro, antes de se tornar o falso bisneto de Salvador Corrêa de Sá, foi um jovem funcionário dos correios no período que antecedeu a Independência de Angola. Na época, estava envolvido com a política e no ano de 1975, dias antes da Independência refugiou-se em Lisboa. Para não morrer de fome em Portugal, publicou um anúncio num pequeno jornal: “*Mestre Marimba – trata mau olhado, inveja, doenças da alma*”⁴. O rapaz enriqueceu em poucos meses e em 1990, com o fim da guerra civil, retornou para Luanda objetivando contribuir para com a reconstrução do país. Fundou uma rede de padarias e retornou também para as atividades políticas com seus negócios a prosperar. Pagava propinas a alguns elementos para as rápidas legalizações de suas padarias. Em pouco tempo, era freqüentador assíduo das casas de generais e ministros angola-

⁴ AGUALUSA, José Eduardo: *O Vendedor de Passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004, p. 142.

nos. Dois anos, o ex-pai-de-santo foi nomeado Secretário de Estado para a Transparência Econômica e Combate à Corrupção. Atualmente está no cargo de Ministro da Panificação e Laticínios.

Nessas questões acima apontadas, sobre a verdadeira identidade do ministro, o escritor, através do personagem em questão, ironiza a sociedade emergente de Angola e aponta para o fato de como naquele período entre exílio e retorno à Angola, qualquer cidadão que enriquecesse de forma obscura não encontrava dificuldades em falsear sua identidade. Bastava ser corrupto, subornar os influentes no país e em breve tomava parte no poder.

Dentro da perspectiva acima mencionada, cabe lembrar Benjamim (1984), “*articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele foi de fato*”. Para o autor, o passado só pode ser conhecido através de fragmentos e nunca em sua totalidade. Esse conceito corrobora a visão da história do ministro apresentada por Agualusa, como símbolo de muitas histórias de componentes da sociedade emergente angolana que se estendem para outras sociedades além do país e reúnem o passado, o presente e desta forma justificam que a história é um objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo cheio de acontecimentos e de agoras.

Em um outro ponto do romance, o personagem Buchmann vai à casa de Felix Ventura e leva consigo um outro homem, um antigo amigo da época que Felix freqüentava o Liceu, o mesmo que homenageava Salvador Correa de Sá, o falso bisavô do ministro. Depois de se reconhecerem, o homem diz a Felix que terminado o curso no Liceu empregou-se nos serviços de meteorologia em Luanda, se envolveu com a política e foi preso na década de sessenta e levaram-no para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Depois do dia da Independência de Angola, 11 de Novembro de 1975, esse homem conta que passou dois anos em Havana, nove meses em Berlim (Leste), outros seis meses em Moscou e retornou a Luanda, onde trabalhou como agente de segurança do Estado.

Edmundo Barata dos Reis se diz o último dos comunistas e, segundo ele, a teimosia o perdeu. Diz a Felix que viu muitas coisas acontecerem, até mesmo a substituição do Presidente por duplos, sócias, no lugar do verdadeiro que ele mesmo contratou: “*temos um presidente de fantasia... Um sistema judicial de fantasia. Temos um governo de fantasia, em resumo, um país de fantasia*” (AGUALUSA, 2004, p. 104).

Edmundo conta que foi demitido depois de tantos confrontos entre os Movimentos Revolucionários (MPLA, FNLA e UNITA), e por sete anos tem sobrevivido como um mendigo, como um louco nas ruas de Luanda. É dado como louco porque sempre prega para as pessoas, que acredita na conversão da Rússia ao comunismo.

Depois das memórias e lembranças de Edmundo, Felix e Ângela Lucia passaram várias horas diante da televisão analisando vídeos onde apareciam o Presidente e em dados momentos, os dois perceberam quando os duplos entravam em ação substituindo o Presidente verdadeiro. Naquela noite, Ângela permaneceu na casa de Felix e os dois se renderam à paixão. A osga percebe que a moça não deixou que Felix lhe tirasse a camiseta e, boa observadora que é, seguiu Ângela até a casa de banho, enquanto Felix dormia ai identifica no corpo de Ângela marcas de torturas.

Na mesma noite em que Ângela se encontrava na casa de Félix, altas horas da madrugada, Edmundo retorna à mesma casa, completamente apavorado e diz ao Vendedor que alguém o persegue para matá-lo. Ângela e Félix se assustam com o que Edmundo diz e tentam acalmá-lo. Logo depois a campainha soa novamente e José Buchmann entra apressado com uma pistola na mão querendo saber do paradeiro de Edmundo. Ângela Lucia tentou impedir que Buchmann fosse até a cozi-

nha, mas foi inútil, ele derrubou Ângela e agarrou Edmundo fazendo-o dizer quem ele era. Sob a mira da pistola e deitado no chão, o homem revela a verdadeira identidade de José Buchmann – Pedro Gouveia. Buchmann soltou Edmundo e esse último sorriu com sarcasmo dizendo não ter esquecido de Pedro Gouveia e Marta Martinho sua mulher. Na época em que foram apanhados pelo governo, Marta estava grávida.

A Revolução estava em perigo. Um bando de miúdos, uma cambada de pequeno-burgueses irresponsáveis, tentou tomar o poder à força. Tivemos que ser duros... O nosso trabalho era separar as laranjas boas das podres. Este tipo, o Gouveia, julgou que lá por ter em Lisboa conseguia escapar. Telefonou ao cônsul de Portugal, senhor cônsul, sou português, estou escondido em tal parte, venha salvar-me por favor e já agora à minha mulher, que é preta mas espera um filho meu. Ah! Ah! Sabe o que fez o senhor cônsul português? Foi buscá-los aos dois e a seguir entregou-os nas minhas mãos (AGUALUSA, 2004, p. 177).

Nesses dois últimos fragmentos, o escritor, pelas representações dos personagens, nos traz um movimento fundamental à memória que resgata fatos do período de transição entre o colonialismo e o pós-colonialismo durante os anos de 1961 a 1991. Foram quase três décadas desde o início da luta armada pela independência. Ainda que o país tenha conseguido oficialmente se libertar de Portugal no ano de 1975, isso não significou total independência ou paz para os angolanos.

– Agora não me resta a sombra da dúvida. És tu mesmo, o Gouveia, o fraccionista. Rias muito nos comícios dos fraccionistas, isso antes do cônsul, o teu patrício, te ter entregue nas minhas mãos. Na prisão só choravas... Olho esse choro e vejo o miúdo Gouveia. Vinganças – era o que querias? Para isso faz falta paixão. Faz falta coragem! Matar um homem é coisa de Homem.

Então,

Como

Num

Bailado

Lento:

Ângela atravessa a cozinha, passa rente à mesa, com a mão direita recolhe a pistola, com a mão esquerda afasta Félix, aponta ao peito de Edmundo e dispara (AGUALUSA, 2004, p. 178).

Para completar o parágrafo anterior e o fragmento acima, Agualusa enfatiza também no romance, o fato do poder de Angola ter sido entregue nas mãos dos que declaravam que o país seria socialista, mas o que se viu foi uma guerra de agressão estruturada num regime racista da África do Sul. Integrantes do MPLA, FNLA e UNITA acirraram a guerra entre angolanos, porque Portugal ainda era, simbolicamente o topo da pirâmide e os nacionalistas viveram os impasses e as contradições de sua história, pois os Movimentos Revolucionários deram preferência a investir na construção ou na fraude de uma sociedade orientada pelos valores socialistas e mergulharam cada vez mais o país em sombras, que até os dias atuais obscurecem a real história da nação angolana. Seriam necessários muitos outros Edmundos Baratas para trazerem à tona toda a história do que foi a guerra colonial e civil de Angola.

Em *O Vendedor de Passados*, objeto de análise deste texto, o escritor José Eduardo Agualusa me deu a oportunidade de compreender um pouco do que foi a história de um povo que esteve sob o domínio de Portugal por vários séculos e que só conquistou sua independência no final do ano de 1975. Num misto de ficção e realidade, o escritor transformou sua terra natal em palco para

as ações de seus personagens fictícios para representar os períodos coloniais e pós-coloniais, do ano de 1961 até o ano de 2002, quando foi declarado o fim da guerra civil em Angola.

Foram quase três décadas de lutas acirradas até o ano de 1991, quando os angolanos se preparavam para a primeira eleição em Angola e a conseqüência foi a devastação do país e a destruição de milhões de famílias, em nome da independência com o ideal comum de tornar Angola totalmente livre dos domínios de Portugal. Porém, os que estavam no poder depois do dia 11 de Novembro de 1975, tornaram-se capitalistas e quiseram cada vez mais alcançar poderes para oprimir as consideradas minorias no país.

A história real de Angola irrompe, atravessa a superfície ficcional do texto de Agualusa, quebra a parede do silêncio e pelas representações das personagens, o escritor nos traz algumas das verdades dos fatos históricos do país onde nasceu.

O espaço escolhido para as representações dos personagens que movimentam o dizer, o dito e o não dito com diferentes posições dos sujeitos inscritos sócio-histórico e ideologicamente, no romance se dá na casa de Félix Ventura, o vendedor de passados que por não ter memórias para resgatar sua própria história (todo conhecimento que tem de seu passado se resume em ter sido abandonado na porta da casa onde vive, quando ainda era um bebê, numa caixa forrada por exemplares de *A Relíquia* de Eça de Queirós), monta dossiês, como quem procura para si uma significação de sua própria existência e, os vende para quem o procura para garantir um passado novo de modo que esse não ponha em risco o cargo que ocupa dentro da sociedade emergente de Angola.

O narrador além de trazer as memórias e suas lembranças da época que diz ter vivido como um ser humano e atualmente vive preso ao corpo de uma lagartixa (neste contexto a idéia é a de que o escritor quer enfatizar a transição experienciada pelo povo angolano, entre o período colonial e o pós-colonial, depois de tanto lutar pela independência, o angolano vive como um animal rastejante, cheio de incertezas e sonhos interrompidos por causa das guerras), a osga também menciona as memórias e lembranças dos outros personagens do romance, a lagartixa é como fio condutor de toda a escrita de Agualusa. O narrador nasceu na casa de Félix, só se sente segura naquele espaço ainda que perseguido por um lacrau. Félix o batizou de Eulálio e no final do romance o encontra morto juntamente com o lacrau, os dois morreram em combate (uma alusão aos angolanos que lutam em morrer por Angola).

Outros personagens também aparecem no romance com especial importância, entre eles *A Velha Esperança*. Na representação dessa personagem, Agualusa nos traz acontecimentos do ano de 1992, quando, em Huambo, sua cidade natal, houve vários massacres. Na ficção, a casa de Esperança é invadida por uma tropa de maltas arruaceiras que estavam embriagados e espancaram pessoas da família da personagem e depois as fuzilaram no quintal. Esperança foi salva por falta de munição e hoje se julga imune à morte.

Agualusa também denuncia a ausência de valores morais e éticos, desmistificando os pseudo-heróis da pátria angolana: Edmundo Barata dos Reis traz a memória das arbitrariedades, das imposições praticadas por aqueles que se consideravam “*um deus todo-poderoso*”, no período de uma imprevista descolonização.

Pedro Gouveia, Marta Martinho e Ângela Lucia. O primeiro, por ser português, depois de torturado na cadeia foi mandado de volta para Portugal, marcado pelo tempo opressivo e de privação.

Marta Martinho, mulher de Pedro Gouveia, é o símbolo da própria terra invadida e oprimida por aqueles que não tiveram respeito por sua dignidade e singularidade cultural. Na ficção, Marta

é uma mulher negra, natural de Angola que ficou às margens da história oficial, não teve a chance de legitimar seu discurso dentro da própria nação, roubaram-lhe a filha e sua própria vida.

Ângela Lúcia é a determinação, a afirmação de um passado que tentaram interromper, apesar das torturas na cadeia, quando ainda era um bebê, ela sobreviveu. Pela profissão seguiu os passos do pai, sendo que um prefere captar a luz e o outro a escuridão. Talvez, na representação das personagens, o escritor quis enfatizar a importância de dar testemunho da beleza e do horror pelo qual o ser humano passava, a exemplo do povo angolano em tempos de paz e de guerras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, António Lobo: *As naus*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.
- _____. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- AGUALUSA, José Eduardo: *O Vendedor de Passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- BAKTHIN, Mikhail: *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- BENJAMIM, Walter: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BOSI, Ecléa: *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CASTELLO, José: África, à beira da asfixia. In: *Jornal O Globo*. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 2004, Caderno Prosa & Verso, p. 1.
- HALL, Stuart: A identidade cultural na pós-modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó: Rioseco_Memória de mar, memória de outras memórias... In: *A Magia das Letras Africanas*. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora / Barroso Produções Editoriais, 2003.
- SARAIVA, José Hermano: *História Concisa de Portugal*. Portugal: Publicações Europa-América LTDA, 2005.

INFORMAÇÕES RETIRADAS DA INTERNET:

- AGIER, Michel: Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização. In *Mana*. Disponível em <http://www.scielo.php?script=sci=S0104-93132001000200001>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2008.
- AGUALUSA, José Eduardo: Entrevista On line – Jornal do Brasil e Jornal de Notícias. Disponível www.gryphus.com.br/categoria/ficcao/vendedor.htm. Acesso em 22 de Dezembro de 2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. Tradução Eduardo Loreiro Jr, Outubro de 2007. Disponível em <http://www.patio.com.br/labirinto>. Acesso em 22 de Dezembro de 2007.
- KESSEL, Zilda: *Memória e Memória coletiva*. Disponível em: www.memoriaeducacao.hpg.ig.com.br. Acesso em 17 de Abril de 2008.

ABSTRACT

This paper intends to analyze the important aspects in the fiction of the Angolan writer, José Eduardo Agualusa, taking as the central axis 'The Book of Chameleons', published in 2004. In this novel, the author focuses on the historical processes Angolan nation has dealt with after its independence, by formulating, at the same time, a hard criticism on that society after 1975. Agualusa develops historical questions involving Angola, either as images from the colony in 1961, or post-colonial tensions represented by endless fights and abuses of power on the part of politician groups that wanted to take control the official and economic power in the country. In his work, above all, the writer privileges the representation of symbolical violence of truculent practices in the post revolutionary period, so as to grasp the effects it has produced in Angola.

Key words: Memory, Identity, African Culture, Literature, Colonial war, Strategies of resistance.